https://doi.org/10.35520/flbc.2025.v17n32e68312

"Quarentena #3", de José Roberto Torero (2020): as máscaras por trás da pandemia

Ana Paula Franco Nobile Brandileone[*]
Nathiely Campos Silva[**]

Resumo

Este artigo integra um projeto maior de pesquisa intitulado "A literatura brasileira contemporânea em tempos de pandemia", financiado pela Fundação Araucária, cujo objetivo central é mapear e analisar a produção literária contemporânea brasileira, que tem como mote para a criação literária a pandemia da Covid-19. Diante da fertilidade e diversidade dessa produção literária, que flagra a representação da pandemia, e da lacuna crítica frente à sua avaliação, dada a sua recente manifestação no cenário da literatura brasileira, este artigo tem por objetivo analisar como a linguagem literária figura a experiência humana em tempos de pandemia do Coronavírus no conto "Quarentena #3", de José Roberto Torero, publicado na coletânea *Quarenta em Quarentena: 40 visões de um mundo em pandemia*, organizada por Jorge Marques, em 2020. A fundamentação teórica do presente trabalho tem como base os estudos de Resende (2008), Alavarce (2009), Schøllhammer (2011), Aguiar (2020; 2021), Birman (2020), Žižek (2020), Brandileone (2021), entre outros estudiosos.

Palavras-chave: literatura brasileira contemporânea; pandemia; "Quarentena #3"; José Roberto Torero.

[*] Professora Associada do Centro de Letras, Comunicação e Artes da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

[**] Graduanda em Letras- Português/Inglês pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

Abstract

This article is part of a larger research project entitled "Contemporary Brazilian Literature in Times of Pandemic", sponsered by Fundação Araucária, whose central aim is to map and analyze contemporary Brazilian literary production that takes the Covid-19 pandemic as a starting point for literary creation. Considering the fertility and diversity of this literary production, which captures representations of the pandemic, and the critical gap in its evaluation due to its recent emergence in Brazilian literature, this article aims to analyze how the literary language represents human being experience in Coronavirus pandemic period in the short story "Quarentena #3", by José Roberto Torero, published in the anthology *Quarenta em quarentena: 40 visões de um mundo em pandemia*, organized by Jorge Marques, in 2020. The theoretical scaffold of this study is based on the studies of Resende (2008), Alavarce (2009), Schøllhammer (2011), Aguiar (2020; 2021), Birman (2020), Žižek (2020), Brandileone (2021), among other scholars.

Keywords: contemporary Brazilian literature; pandemic; "Quarentena #3"; José Roberto Torero.

Literatura e pandemia: diversas facetas

A pandemia de Covid-19 trouxe uma transformação global sem precedentes, afetando muitos aspectos da vida cotidiana, como as relações pessoais, o ambiente de trabalho, a economia, a educação e, também, a percepção de segurança e da liberdade individual. A imposição do isolamento social e das medidas de restrição levaram as pessoas a reconfigurarem suas rotinas e a enfrentarem uma nova realidade, marcada pela incerteza e pelo medo do futuro; colocando, como afirma Žižek (2020), "todos no mesmo barco". Por isso, a peste criou um cenário fértil para a introspecção e para a reavaliação das experiências humanas. Mas não foi apenas isso. A pandemia (re)acendeu a noção de nossa finitude, fragilidade e impotência diante de uma força (in)visível que se alastrou, mostrando a efetiva humilhação da pretensão humana de domínio absoluto do mundo, como afirma Birman (2020, 65): "Os efeitos catastróficos da pandemia da Covid-19, pelas múltiplas desconstruções que promoveu nas formas de existência individuais e coletivas de modo sistemático, implicaram a emergência histórica de um limite ostensivo e flagrante na onipotência humana de se acreditar no Deus secularizado".

Nesse contexto, escritores e escritoras de todo o mundo[1] se viram confrontados com novos temas e desafios, que os incitaram a refletir sobre a condição humana em suas obras. Inspi-

[1] No contexto mundial, destaca-se a coletânea *O projeto Decamerão: 29 histórias da pandemia*, cujos contos foram selecionados pelos editores da *New York Times Magazine*, e conta com a publicação de autores do mundo todo: Canadá, Estados Unidos, Portugal, Itália, entre outros. Do Brasil, a coletânea conta com a contribuição de Julián Fuks, com o conto "No tema da morte, a morte do tempo".

rados pelas excepcionalidades, suspeições, perdas e mudanças impostas pela pandemia, exploraram, nas suas obras, questões como o isolamento, a vulnerabilidade e a superação, flagrando as nuances e entrâncias da experiência humana em tempos de crise. Esse cenário singular gerou um novo corpo de obras literárias que, elaborado no calor da hora, não apenas documenta a crise[2], mas também explora as intensas emoções e realidades que emergiram durante esse tempo turbulento.

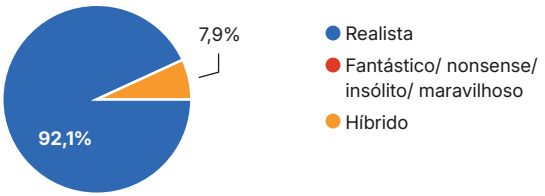
Exemplo disso é a coletânea *Quarenta em Quarentena: 40 visões de um mundo em pandemia* que, a partir de 40 textos, apresenta diferentes abordagens e formas de expressar as tensões exacerbadas pela crise sanitária global. O livro, que busca captar os diferentes estágios, experiências e sentimentos reverberados pela pandemia, abordando a finitude e a tristeza, mas também a esperança e o afeto, é dividido em cinco seções, "Fim", "Medo", "Solidão", "Amor" e "Começo". Ao registrarem as vivências e as emoções vividas durante a pandemia, os autores e autoras da coletânea demonstram a capacidade da literatura de capturar os desafios e impactos impostos pela pandemia, oferecendo novas perspectivas sobre a vida humana. E, por mobilizarem reflexões sobre a experiência pandêmica, inscrevem seus textos em uma tendência da literatura brasileira contemporânea que valoriza a "presentifica-

[2] Termômetro da fertilidade e diversidade dessa literatura que toma para si a missão de dar conta do agora, designada por Ítalo Moriconi (2021) de "literatura da pandemia", publicações como *Primeiros casos de literatura com covid-19* (AGUIAR, 2020) e *Desdobramentos da pandemia da COVID-19 e o radar da produção literária brasileira contemporânea* (Brandileone, 2021) podem ser acessadas. Elas apresentam um levantamento, não conclusivo (depois da publicação dos artigos outros textos literários foram publicados), dos caminhos criativos adotados por autoras e autores, os quais transformaram em imagens e palavras um período de impasses, complexidades e repleto de perguntas sem respostas.

ção" (Resende, 2008), ou seja, a urgência de tratar do espaço e do tempo de hoje. Esse conceito alude à premissa de que os eventos, narrados no "aqui e agora", aproximam-se temporalmente da experiência do leitor, o que coloca esses escritos na contramão da valorização da história e do passado e também das ideias utópicas do futuro. Essa característica da coletânea encontra eco nas reflexões de Schøllhammer (2011), que enfatiza a importância de o escritor contemporâneo se relacionar com sua realidade histórica; aspecto que se confirma pela vertente realista da coletânea.

Prova disso é o levantamento quantitativo[3] dos contos que compõe a coletânea, dos quais se verificou forte ressonância entre a literatura produzida na pandemia e os pressupostos da presentificação; a tônica realista das narrativas corresponde a 92,1%, conforme o quadro a seguir:

Gráfico 1 – Representação (38 respostas)

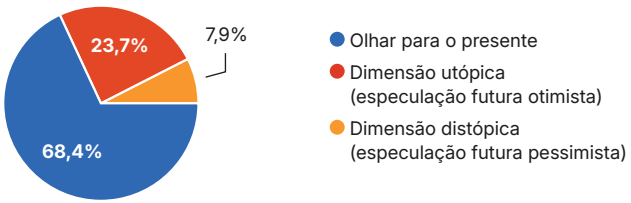


Fonte: As autoras.

[3] Levantamento quantitativo a partir da análise de alguns operadores de leitura do texto narrativo (personagem, espaço, foco narrativo, tempo, etc.), bem como aspectos ligados ao contexto pandêmico (relação com o contágio e transmissão do vírus, as sequelas e os conflitos gerados pela pandemia), bem como perfil da autoria.

Desse modo, os contos concentram-se no presente absoluto (no tempo de crise), 68,4%, reforçando a preocupação com o "agora", sem que haja qualquer tipo de especulação quanto ao futuro. Essa é uma estratégia narrativa para figurar os dilemas enfrentados pelos personagens, o que intensifica a imersão do leitor nos eventos narrativos, transmitindo a urgência e a incerteza típicas do período narrado; aspecto que pode ser particularmente relevante quando se trata de uma experiência coletiva tão intensa como a da pandemia. Para Aguiar (2021), o fato de as narrativas pandêmicas concentrarem-se no tempo presente representa não apenas uma forma de capturar a aflição do momento, mas também uma maneira de simbolizar a condição de "impossibilidade de escape", na qual o futuro parecia incerto e indefinido.

Gráfico 2 - Tempo cronológico (38 respostas)



Fonte: A autoras

Além disso, os contos da coletânea apresentam a predominância do narrador autodiegético, correspondendo a 76,3% – aquele que atua como personagem central da história principal e narra suas próprias experiências (Reis; Lopes, 1983) –, estraté-

gia narrativa que proporciona ao leitor uma visão íntima e pessoal dos eventos narrados, favorecendo uma imersão profunda nas emoções e vivências do protagonista. Essa escolha narrativa reforça uma tendência à introspecção e à autorreflexão, característica que dialoga diretamente com o período de isolamento vivido durante a pandemia. Assim, as narrativas tornam-se mais subjetivas, facilitando a identificação do leitor com as vivências dos personagens. Brandileone (2021) argumenta que essa abordagem busca proporcionar uma vivência mais direta das emoções, criando uma ponte de empatia entre leitor e personagem, ao refletir, não raro, angústias comuns.

Enfim, essa tendência dos contos de acompanhar o sentido de urgência, com predomínio do olhar sobre o presente, coloca o leitor no centro das experiências vividas pelos personagens, o que amplia a compreensão das tensões emocionais, psicológicas e sociais geradas pela pandemia. E, ao vincular o tempo presente à introspecção psicológica dos personagens, essas narrativas não só revelam como também intensificam as incertezas e vulnerabilidades experimentadas por todos.

Não foi, entretanto, apenas a literatura que trouxe um registro vívido das tensões, ansiedades e adaptações que caracterizaram a experiência pandêmica; também outras áreas do conhecimento se debruçaram sobre a pandemia, contribuindo com reflexões que ampliam nossa compreensão sobre os desafios e os impactos desse período. Birman (2020), por exemplo, destaca que a pandemia intensificou o mergulho subjetivo e expôs as vulnerabilidades individuais, criando um ambiente em que emoções, como medo, angústia e solidão, tornaram-se

ainda mais patentes. Já Harari (2020) indica que a crise sanitária revelou as fragilidades das estruturas sociais e econômicas globais, bem como a interdependência entre os sistemas de saúde no mundo. Em sua análise filosófica, Žižek (2020) aborda, entre outros aspectos, o sentido de "solidão compartilhada" e sugere que a pandemia possibilitou uma reflexão coletiva sobre as precariedades da vida humana e as prioridades da sociedade contemporânea, alicerçadas no individualismo; daí reivindicar a "reinvenção do comunismo". Trata-se, segundo o autor, de reimaginar a lógica igualitária e distributiva do comunismo, a partir de sentimentos humanos que foram liberados com a pandemia, como solidariedade, reciprocidade e humanismo.

É, então, sob a nova ordem do ser e do existir, corroborada pela obscuridade multifacetada da pandemia e seus efeitos, que este artigo objetiva analisar como a linguagem literária traduz a experiência humana em tempos de pandemia no conto "Quarentena #3", de José Roberto Torero (2020).

Entre classe e contágio: a dinâmica das relações humanas e de poder

Publicado no ápice da pandemia, "Quarentena #3", de José Roberto Torero, compõe a coletânea de contos *Quarenta em Quarentena: 40 visões de um mundo em pandemia* (2020), organizada por Jorge Marques, editado exclusivamente em formato digital (*ebook*), pela Oficina Raquel.

A coletânea é um projeto que, durante a pandemia de Covid-19, reuniu 40 autoras e autores, que buscaram transformar em arte o tema que dominou o ano de 2020. O livro começa

com a seção intitulada "Fim", que aponta para o paradoxo simbólico da tragédia humanitária vivida. De forma simbólica, autores como Godofredo de Oliveira Neto, Gonçalo M. Tavares, Jeferson Tenório, Jorge Marques, Marcos Pasche, Marisa Oliveira, Pedro Eiras e Thiago Carbonel tratam de fins não apenas físicos, mas também de sonhos, crenças e ilusões. Em "Medo", segunda parte da coletânea, esse sentimento dá a tônica dos textos engendrados por Beatriz Roscoe, Cidinha da Silva, Divanize Carbonieri, José Roberto Torero, Luciano Nascimento e Luiz Guilherme Barbosa. "Solidão" é o tema da terceira parte do livro, que traz textos de Adriana Armony, Anna Maria Mello, Dani Balbi, Flávia Six, Júlio Emílio Braz, Leonardo Neto, Luis Maffei, Luiz Roberto Guedes, Rogério Athayde, Silviano Santiago e Silvia Barros. Denominada "Amor", a quarta parte do livro apresenta o sentimento em todas as suas variações – amor filial, fraternal, sexual. Aqui, entram em cena histórias de André Argolo, Camila Perlingeiro, ElikaTakimoto, João Pedro Fagerlande, Monique Brito, Patrícia Nogueira, Ramon Ramos e Sonia Rosa. O livro termina com "Começo", que marca o tom otimista da coletânea, com textos de Alex Castro, Anna Claudia Ramos, Antônio Schimeneck, Henrique Rodrigues e Luciany Aparecida. O volume, iniciado e encerrado por incursões poéticas, traz contribuições de Maria Teresa Horta e Leonardo Tonus. O projeto também celebra o diálogo literário entre Brasil e Portugal, sendo uma antologia que mistura a excelência literária com emoção e sensibilidade, registrando um momento histórico turbulento com criatividade (Oficina Raquel, 2020).

O autor do conto que nos propomos a analisar, José Roberto Torero, é escritor, jornalista, cineasta e roteirista. Nasceu

em Santos, no Estado de São Paulo, em 9 de outubro de 1963. Formado em Letras e Jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP), iniciou sua carreira como cronista e, posteriormente, passou a escrever sobre futebol. Ele é autor de diversos livros, incluindo o best-seller *O chalaça*, que ganhou o Prêmio Jabuti, em 1995. Sua obra também inclui títulos como *Terra Papagalli* (1997), em coautoria com Marcus Aurelius Pimenta, e *Santos, um time dos céus* (1998), entre outros. Mais recentemente, escreveu releituras de clássicos da literatura infantil, como *Chapeuzinhos coloridos*, também em coautoria com Marcus Aurelius Pimenta, *Branca de neve e as sete versões* (2016), *Os 33 porquinhos* (2019) e *As belas adormecidas (e algumas acordadas)* (2017). Também possui uma produção relevante na literatura infantojuvenil, com títulos como *Naná descobre o céu* (2005) e *Pequeno rei e o parque real* (2007). Além de sua carreira literária, Torero se destaca no cinema, tendo produzido curtas e trabalhado como roteirista em filmes como *Pequeno dicionário amoroso*, de 1997, que ganhou continuação em 2015.

Em linhas gerais, "Quarentena #3" explora a dinâmica entre uma empregada doméstica e sua patroa, pondo à mostra tensões ligadas às relações de trabalho, que foram particularmente afetadas na pandemia. O conto, de três páginas, apresenta uma estrutura concisa e narra a relação entre Elba, a empregada doméstica, e sua patroa, dona Mercedes, durante a pandemia de Covid-19. Dona Mercedes, pertencente à classe alta, contrai o vírus durante uma viagem à Itália, mais especificamente pelos vinhedos da Toscana, destino turístico associado ao luxo e à ostentação. Ao retornar, ela transmite a doença para Elba que,

em um gesto de fidelidade extrema, cuida da patroa, apesar dos riscos do contágio. Em homenagem à fiel empregada, mas também por remorso por ter-lhe causado a morte, Dona Mercedes paga o caixão e envia coroa de flores para o velório. Desse modo, a narrativa se desenrola em três partes: o cuidado de Elba com dona Mercedes; a infecção de Elba, que culmina em sua morte; o sentimento de culpa/remorso de dona Mercedes.

Elba e Dona Mercedes representam, no conto de Torero, diferentes classes sociais e, consequentemente, perspectivas de mundo igualmente diversas. Elba é apresentada como pessoa fiel e dedicada à patroa, realizando suas tarefas com um grau de sacrifício pessoal: "Quando viu a patroa de cama, Elba deu prova de sua infinita fidelidade e cuidou de dona Mercedes como uma filha" (Torero: 2020, 562). Dona Mercedes, por outro lado, é identificada como uma personagem de classe alta, dada a viagem pelos vinhedos da Toscana, cuja generosidade está expressa, pelo menos de forma aparente, após a morte de Elba: "Mandou coroas de flores e pagou o caixão" (Torero: 2020, 562).

A narrativa se passa no espaço urbano, sugerindo a vida em um grande centro. Exemplo disso é a menção ao uso do transporte público, usado por Elba para ir ao trabalho: "[...] acabou pegando a doença e deve tê-la espalhado para muita gente no ônibus de volta para casa" (Torero: 2020, 562). Esta citação sublinha não apenas a realidade urbana, onde o transporte coletivo é uma necessidade para trabalhadores como Elba, como também reforça a condição da personagem como parte integrante da classe trabalhadora, que depende das estruturas urbanas para sobreviver, mas que, também, está à mercê dos riscos que essas mesmas estruturas impõem, sobretudo em tempos de pandemia.

No contexto das narrativas pandêmicas, Aguiar (2020) criou duas categorias no âmbito do espaço narrativo, "espaço do movimento" e "espaço do isolamento", os quais estão associados ao extrato social dos personagens. Se, no espaço do isolamento, "[...] o enfoque reside na vida de personagens das classes média e alta das cidades brasileiras, [...] [que] vivem em uma situação de isolamento social e precisam lidar com os problemas advindos dessa situação" (Aguiar: 2021, 201), no espaço do movimento, os personagens vivem sob alguma condição de vulnerabilidade social: "Pessoas em situação de rua, desempregados, profissionais cujo trabalho é bastante precarizado, profissionais do sexo, moradores de comunidades periféricas são alguns dos extratos sociais que identificamos ao lermos essas histórias" (Aguiar: 2020, 201-202).

No caso do conto aqui em análise, Elba alinha-se ao espaço do movimento, pois, premida a se deslocar – de casa para o trabalho –, expõe-se ao risco da contaminação pelo vírus, por razões econômicas. Ainda que Elba não tenha sido contaminada no deslocamento para o trabalho, mas propriamente no trabalho, sua morte tem a ver com a vulnerabilidade econômica dos trabalhadores, ou seja, com a precariedade das suas condições sociais: "[...] Nesse caso, o isolamento social é constantemente rompido por uma questão de sobrevivência e/ou precariedade de moradia" (Aguiar: 2021, 202). Por isso, a história de Elba adquire um alcance coletivo, uma vez que ela simboliza a realidade de muitos trabalhadores que não puderam atender às normas sanitárias do isolamento social.

Em contraste com o espaço do movimento, o espaço do isolamento é vivido por dona Mercedes, uma personagem de

classe média alta, que pôde se resguardar, tendo o atendimento atento e dedicado da empregada. A condição social da patroa exemplifica, portanto, a vida daqueles que, durante a pandemia, puderam se proteger e evitar o contato com o mundo exterior, recebendo cuidados dentro de suas residências. Por figurar o espaço do isolamento e do movimento, de forma simultânea, o conto ressalta as disparidades sociais, traduzindo, de um lado, a vivência dos mais vulneráveis, trabalhadores como Elba que foram obrigados a se deslocar para o trabalho, enfrentando os perigos do contágio para garantir sua subsistência e, de outro, o conforto e a segurança dos mais privilegiados, que puderam, por sua vez, refugiar-se, protegidos por sua posição socioeconômica. Essa disparidade é intensificada pela convivência e proximidade entre as personagens e por situarem-se no mesmo espaço geográfico – a casa de dona Mercedes.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que essa abordagem espacial se apresenta como uma metáfora da desigualdade social no conto, intensificada durante a pandemia, já que "[...] o vírus escancarou as fissuras sociais, dadas as diferentes situações concretas de existência social, econômica e habitacional" (Birman: 2020, 25). Nesse panorama, observa-se que o conto captura a dinâmica das relações de classe e o impacto da peste, especialmente no contexto das interações entre patrão e empregado.

Quanto à sequência dos acontecimentos no tempo, os personagens são conduzidos ao longo de um enredo cronológico, de encadeamento causal, que está expresso na trama narrativa: 1. Elba cuida de Dona Mercedes enquanto está doente: "Fez-lhe canjas, comprou-lhe remédios, tirou-lhe a temperatura doze vezes

por dia" (Torero: 2020, 562). 2. Elba adoece e acaba "[...] pegando a doença e deve tê-la espalhado para muita gente no ônibus de volta para casa" (Torero: 2020, 562). 3. O desfecho ocorre com a morte de Elba e o remorso por parte de Dona Mercedes que, passado algum tempo, dá lugar a pensamentos egoístas:

> Dona Mercedes, por sua vez, ficou inconsolável quando Elba morreu. Ela sabia que tinha trazido o vírus da Itália, depois de uma bela viagem pelos vinhedos da Toscana. Não se pode dizer que não tenha sido generosa. Mandou coroa de flores e pagou caixão.
>
> Mas o remorso continua torturando dona Mercedes. Tanto que, cada vez que ela passa a própria roupa, cada vez que ela faz a própria comida, derrama uma grossa lágrima. E, entre soluços, pensa: "Será que a filha de Elba não pode vir dar uma ajudinha"? (Torero: 2020, 562-563).

Dada a configuração sintética do conto, no qual há o predomínio do sumário, observa-se que há uma lacuna temporal entre os eventos, seja no que se refere ao tempo decorrido entre os cuidados de Elba a dona Mercedes e a contaminação de Elba, seja entre a contaminação e morte de Elba ou, ainda, o intervalo de tempo entre a morte de Elba e o remorso de dona Mercedes, transformado em interesse próprio. Desse modo, a narração é ulterior, uma vez que o "[...] ato narrativo se situa numa posição de inequívoca posteridade em relação à história" (Reis; Lopes: 1983, 117).

Com focalização onisciente, o narrador heterodiegético de "Quarentena #3" coloca-se perante o universo diegético já

encerrado, iniciando o relato numa situação de quem conhece, na sua totalidade, os eventos que narra. Por isso, detém um conhecimento praticamente ilimitado sobre os eventos e os personagens, daí a sua capacidade de controlar e manipular, podendo revelar ou ocultar informações, conforme julgar pertinente. Na citação acima, o narrador enfoca a patroa por dentro, revelando-lhe os pensamentos e sentimentos, mas também por fora, suas ações ligadas ao serviço doméstico depois da morte de Elba, o que lhe confere uma posição de transcendência em relação à história. Contudo, o narrador não adota uma posição imparcial e objetiva em relação aos eventos que narra. A ironia subjacente ao conto desvela que o narrador utiliza sua posição demiúrgica para tecer uma crítica mordaz ao que vai por dentro de dona Mercedes. Desse modo, a narrativa é carregada de juízos de valor implícitos, desdobramento da ironia que a atravessa:

> [...] o contraste entre a aparência e a realidade é o traço básico de toda ironia. [...] algo é aparentemente afirmado, mas, na verdade, se percebe uma mensagem completamente diferente. A tensão entre aparência e realidade pode expressar-se por meio de uma oposição, contradição, contrariedade, incongruência ou, ainda, através de uma incompatibilidade (Alavarce: 2009, 28).

No caso de "Quarentena #3", o contraste se inscreve na tensão entre a (aparente) generosidade de dona Mercedes – ter mandado coroa de flores e pago o caixão – e a defesa de seus próprios interesses quando, sozinha, vê-se obrigada a realizar

as tarefas domésticas, antes executadas por Elba e, por isso, deseja a "ajudinha" da sua filha. A ironia, portanto, manifesta-se na incompatibilidade entre o remorso e a generosidade *versus* o egoísmo e a visão utilitária que dona Mercedes nutre por Elba.

Assim, a escolha do narrador de pôr à mostra certos eventos narrativos e omitir outros, é fundamental para desvelar e amplificar as contradições que habitam as relações de poder e a natureza humana. A combinação das focalizações externa e interna enriquece, desse modo, a narrativa não apenas por apresentar as ações de uma e de outra e circunstâncias em relação aos acontecimentos, mas também por expor os dilemas e contradições que habitam o íntimo, sobretudo da patroa. A focalização externa, por exemplo, ao revelar o cuidado zeloso de Elba para com dona Mercedes, como quando "[...] fez-lhe canjas, comprou-lhe remédios, tirou-lhe a temperatura doze vezes por dia" (Torero: 2020, 562), constrói uma imagem concreta das relações de poder e da dependência de uma à outra: Elba do emprego e dona Mercedes do trabalho doméstico e dos cuidados devido à doença. Essa mirada do narrador em relação à representação das características superficiais e observáveis das personagens é essencial para que o leitor compreenda o contexto em que se desenrola a trama, revelando a dinâmica de poder e a condição social figurada por cada uma delas. Nesse contexto, a abordagem espacial explorada anteriormente, além de desvelar a desigualdade social, exacerbada pelo contexto pandêmico, sinaliza que as condições adversas vividas pelos menos favorecidos, as quais contrastam com a relativa segurança dos privilegiados, sugere que esses últimos podem ter, de certa forma, ignorado

ou minimizado os sacrifícios e as dificuldades enfrentados por aqueles que colocaram a subsistência como prioridade.

Por outro lado, a focalização interna oferece um acesso privilegiado às motivações e pensamentos da patroa, pondo à mostra as intenções e sentimentos que, muitas vezes, permanecem ocultos nas interações sociais. Quando o narrador expõe os pensamentos de dona Mercedes, especialmente quando ela cogita se "a filha da Elba não pode vir dar uma ajudinha" (Torero: 2020, 563), ele aponta para a insensibilidade da patroa, porque leva o leitor a contrastar as ações e sentimentos anteriores – remorso e generosidade – aos interesses de cunho pessoal – ter alguém para ajudá-la nos serviços domésticos. A ausência do universo psicológico de Elba pode, por sua vez, sugerir o seu apreço sincero pela patroa.

A ironia, nessa perspectiva, reside na forma como os interesses pessoais de dona Mercedes são priorizados e/ou colocados em destaque, em detrimento do sofrimento causado pela morte de Elba que, não obstante precisasse do emprego, colocou as necessidades da patroa em primeiro lugar, arriscando sua própria vida. Desse modo, ao evidenciar os atos de uma e de outra e os pensamentos e preocupações da patroa, o narrador indica que nem sempre o parecer equivale ao ser. Nessa perspectiva, o conto convida o leitor a refletir sobre essa complexa dicotomia, figurada nas intenções e emoções mais profundas, que se escondem, por vezes, detrás de ações caridosas e sentimentos que pareciam genuínos, levando-o a desconfiar e a questionar as motivações que há por trás de todo e qualquer ato gratuito. Assim, brotam perguntas que não se calam: terá sido mesmo

generosidade o sentimento que moveu a patroa a mandar a coroa de flores e pagar o caixão para Elba? Ou culpa? E o remorso teria sido motivado pela perda de Elba (pessoa/ser humano) ou fruto da inconveniência de, com a morte da empregada, ter que assumir as tarefas antes a ela delegadas? O que fica é que o remorso inicial, motivado pela culpa de ter transmitido a doença para Elba, causando-lhe dor "inconsolável", gradualmente é substituído por um incômodo mais prático, centrado na perda do conforto doméstico que Elba proporcionava.

Entre aparências e intenções: a ironia nas relações sociais

A ironia, que atravessa "Quarentena #3", expõe a complexidade *nas* e *das* relações sociais, permitindo que os leitores avaliem as contradições que residem entre o ser e o parecer, figurado em dona Mercedes. Assim, ela não é apenas um recurso expressivo e/ou estilístico, mas o fio condutor que organiza o conto, tornando-se o veículo pelo qual o narrador, distanciado dos eventos narrativos, formula e questiona as relações de poder, para além do contexto da pandemia, já que "[...] a ironia envolve a atribuição de uma atitude avaliadora e até mesmo julgadora" (Alavarce: 2009, 43).

A discrepância entre o gesto (aparentemente) generoso e o desejo de manter a ajuda doméstica – pensamento que surge toda vez que passa a própria roupa ou faz a própria comida – desvela o egoísmo, dissimulado em remorso. Ou seja, enquanto externamente o ato de comprar flores e pagar o caixão expressa gratidão pela fiel e dedicada empregada, internamente dona Mercedes é movida por desejos e pensamentos ocultos, os quais contradizem

a ação que se manifesta à luz do dia. Desse modo, o remorso, culpa e/ou arrependimento por tê-la infectado que tortura a patroa não é propriamente forjado pela ausência de Elba, mas da empregada doméstica, cujo serviço não tem mais à disposição; daí, entre soluços, pensar: "Será que a filha da Elba não pode vir dar uma ajudinha"? Essa dualidade demonstra, portanto, que as aparências escondem, frequentemente, intenções inauditas.

Essa dicotomia, por outro lado, que se desdobra em tantas outras, bem *versus* mal, justo *versus* injusto, certo *versus* errado, alude, ainda, à consciência aguda das contradições humanas, pois os sigilos da alma, longe de poderem ser perscrutados, estão cercados por um halo de absurdo, que tornam difíceis as avaliações morais, bem como as interpretações psicológicas. Suscitando um mundo escorregadio, a fronteira entre ato e sentimento, entre ser e parecer constrói uma alegoria da natureza humana, na qual os contrários se tocam e se dissolvem.

Referências

AGUIAR, Cristhiano. Primeiros casos de literatura com COVID-19. *Suplemento Pernambuco*, Recife, ed. 175, set. 2020, pp.12-17.

_____. Espaços do isolamento, espaços do movimento: Covid-19 e o espaço narrativo nos contos de Carol Bensimon, Javier Arancibia Contreras e Sérgio Tavares. *Abusões*, Rio de Janeiro, n. 15, pp. 191-217, 2021.

ALAVARCE, Camila da Silva. *A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

BIRMAN, Joel. *O trauma na pandemia do coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Desdobramentos da pandemia da COVID-19 e o Radar da Produção Literária Brasileira Contemporânea. *Revista Crioula*, São Paulo, n. 27, pp.15-39, 1º. semestre 2021.

HARARI, Yuval Noah. *Notas sobre a pandemia: e breves lições para o mundo pós-coronavírus*. Tradução de Odorico Leal. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MORICONI, Ítalo. "Já existe uma literatura da pandemia". *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 mar. 2021. Entrevista concedida a Bolívar Torres.

OFICINA RAQUEL. *Oficina Raquel: Editora*. 2020. Disponível em: https://oficinaraquel.com.br/. Acesso em: 16 nov. 2024

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da Literatura Brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

TORERO, Jorge Marques. "Quarentena #3". In: MARQUES, Jorge (org.). *Quarenta em Quarentena: 40 visões de um mundo em pandemia*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020. pp. 562-563.

ŽIŽEK, Slavoj. *Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo*. Tradução de Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2020.

>>> Recebido em 09/05/2025. Aceito em 04/06/2025